

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristine Ropke

**BULLYING, AGRESSORES E VÍTIMAS ESCOLARES: uma comparação entre
escolas da rede estadual e municipal de Paraíso do Sul - RS**

Santa Cruz do Sul

2016

Cristine Ropke

**BULLYING, AGRESSORES E VÍTIMAS ESCOLARES: uma comparação entre
escolas da rede estadual e municipal de Paraíso do Sul - RS**

Trabalho de Conclusão apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física, da Universidade de Santa Cruz do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadores:

Dr.^a Miria Suzana Burgos

Prof.^a. Ms. Sandra Mara Mayer

Santa Cruz do Sul

2016

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A COMISSÃO EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA A MONOGRAFIA.

**BULLYING, AGRESSORES E VÍTIMAS ESCOLARES: uma comparação entre
escolas da rede estadual e municipal de Paraíso do Sul - RS**

ELABORADA POR
CRISTINE ROPKE

COM REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE LICENCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dra. Miria Suzana Burgos

Prof. Dr. Gilmar Fernando Weis

Prof^ª. Ms. Sandra Mara Mayer

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
-------------------	---

CAPÍTULO I

PROJETO DE PESQUISA.....	06
1. JUSTIFICATIVA, DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS	07
2. <i>BULLYING</i> NO ESPAÇO ESCOLAR	09
3. METODO DE INVESTIGAÇÃO	14
REFERÊNCIAS	16

CAPÍTULO II

ARTIGO: <i>BULLYING</i> , AGRESSORES E VÍTIMAS ESCOLARES	18
ANEXO A – Instrumento de coleta de dados.....	31
ANEXO B – Normas da revista	34

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão divide-se em dois capítulos. O capítulo I apresenta o projeto de pesquisa, a justificativa, o objetivo geral e referencial teórico baseado em autores, além disso, o método utilizado para a realização da pesquisa. No capítulo II, apresenta-se o artigo, de acordo com as normas da revista para publicação, incluindo-se introdução, métodos, resultados e discussão, conclusão e referências. Consta-se também os anexos que trazem os instrumentos de coleta de dados e normas da revista de publicação.

CAPÍTULO I
PROJETO DE PESQUISA

1 JUSTIFICATIVA, DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS

De acordo com Silva (2010), a palavra *Bullying* têm origem inglesa e é usada para descrever todas as formas de violência psicológica ou física, sendo elas intencionais e repetidas. Não há necessariamente uma motivação para que isso aconteça, já que são adotados por um ou mais sujeitos contra o outro, gerando ansiedade e dor na vítima. a palavra *bullying* é pouco conhecida pela maioria das pessoas. De origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é utilizada para conceituar condutas violentas no âmbito escolar. No dicionário, a palavra *bully* significa um cidadão violento, tirano, mandão, brigão.

De acordo com Carvalho (2007), o termo *bullying* existe há muito tempo, porém nos aparenta ser um fenômeno relativamente novo. O professor universitário da Noruega Dan Olweus foi pioneiro ao relacionar a palavra ao fato, enquanto realizava pesquisas sobre os suicídios entre adolescentes. Ele verificou que por meados de 1970 a maioria dos jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça, por conseguinte, cometiam suicídio no intuito de acabar com o mal. O fenômeno se tornou popular e se expandiu com a ajuda dos meios eletrônicos de comunicação, como a televisão, rádio e a internet, pois as brincadeiras ofensivas e os apelidos pejorativos foram tomando maiores dimensões. Por ter consequências irremediáveis, se faz indispensável debater o tema com mais precocidade na escola e de maneira mais valorosa.

Os resultados do bullying não atingem apenas as vítimas, estando agressores e testemunhas também expostos aos seus malefícios. O agressor prova a sensação de afirmação de suas atitudes opressivas, e os possíveis resultados são a não adaptação aos objetivos da escola e o reconhecimento da violência como uma maneira de conseguir poder, o que gera um adolescente ou adulto delinquente (FANTE, 2005).

Para Berger (2007), o *bullying* é dividido em tipos diferentes que são o verbal, físico, relacional e eletrônico. O *bullying* físico inclui empurrões, pontapés, socos, chutes, e também furto de lanches ou material escolar. A probabilidade é que este modo de agressão minimiza com a idade. O *bullying* verbal contém atos que se fundamentam em insultos e conferir apelidos humilhantes e embaraçosos para a vítima (BERGER, 2007; ROLIM, 2008). O *bullying* verbal é mais comum que o *bullying* físico, principalmente com o aumento da idade. O *bullying* relacional é o que atinge as relações sociais da vítima com seus colegas. Acontece quando um adolescente despreza a tentativa de se enturmar de um colega deliberadamente. Esta categoria de *bullying* se torna mais predominante e nociva a partir da puberdade, já que as crianças melhoram suas aptidões sociais e a aceitação de terceiros se torna fundamental. O tipo eletrônico, ou *cyberbullying*, acontece quando as agressões são geradas por meios

eletrônicos. Esta categoria inclui *bullying* feitos por e-mail, imagens encaminhadas através do celular, mensagens instantâneas, web site ou através de mensagens digitais (BERGER, 2007).

Segundo Lopes Neto (2005), a vítima de *bullying* é aquele garoto ou garota que é frequentemente violentada pelos colegas e, não obtém sucesso ao tentar parar ou responder as agressões. Mostra-se suscetível às agressões dos bullies por algum aspecto físico, emocional ou comportamental. Esses aspectos podem ser o fato de não ter muitos amigos, ser tímido, pacífico e ter autoestima baixa (CANTINI, 2004). A designação vítima/ agressor é conferida às crianças que são vítimas e também são agressores. É possível distinguir dos agressores e vítimas comuns por não serem populares e pelo grande rejeição dos colegas. Estas crianças demonstram uma mistura de autoestima baixa, atitudes violentas e possíveis mudanças psicológicas, requerendo um cuidado mais intenso. É provável que sejam, ansiosas, depressivas, inseguras e inoportunas, buscam desdenhar os colegas para disfarçar suas privações. Demonstram problemas com a conduta impulsiva, hiperatividade e reatividade emocional (LOPES NETO, 2005).

Fante (2005) interpreta de maneira precisa o termo *bullying*, facilitando o seu entendimento. De acordo com ela:

“[...] bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento *bullying*". (FANTE, 2005, p. 28 e 29).

O presente trabalho procura enunciar o seguinte **problema**: qual o perfil de comportamento agressivo dos alunos que frequentam a Escola Estadual de 1º e 2º Grau Presidente Afonso Pena e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigo Alves no município de Paraíso do Sul – RS?

Os **objetivos específicos** que foram estabelecidos são:

- Identificar os tipos de agressão que ocorre entre os alunos da rede estadual e municipal, durante o período escolar;
- Verificar em que ambiente da escola acontece os comportamentos agressivos;
- Comparar os dados entre meninos e meninas das duas escolas;
- Comparar os dados entre a escola estadual e municipal.

2. BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

Por interpretação, *bullying* engloba todos os comportamentos agressivos, repetidos e intencionais, que acontecem sem motivo aparente, aderidas por um ou vários estudantes depreciando outro(s), causando desconforto físico e emocional, geralmente causadas num relacionamento desigual de autoridade. Essa discordância de autoridade associada ao *bullying* pode ser consequência da discrepância na idade, tamanho, desenvolvimento emocional ou físico, ou de mais apoio dos outros estudantes (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2004).

Segundo Fante (2005), para manter suas vítimas sob domínio os agressores usam de estratégias de intimidação. O *bullying* pode ocorrer também no ambiente familiar, reconhecidos na figura dos irmãos, pais ou cônjuges violentos. Eles maltratam suas vítimas causando dor e sofrimento fazendo baixar sua autoestima. Os agressores podem ser identificados em vários contextos sociais, estão por toda parte, em hospitais, em paradas de ônibus, em filas de bancos e até mesmo em delegacias. A violência no ambiente escolar é uma complicação universal. A vitimização e o *bullying* demonstram distintos modos de relação em ocorrências de agressividade no decorrer da infância e adolescência. O termo *bullying* refere-se a uma maneira de confirmação de autoridade interpessoal através da hostilidade. A vitimização acontece no momento em que uma pessoa é feita vítima do tratamento hostil. O *bullying* e a vitimização têm resultados maléficos instantâneos e tardios sobre todos os abrangidos, vítimas, agressores e os que observam.

Independentemente da série em que se encontram ou da idade, a ausência de diálogo entre alunos e professores causa irritação nos escolares. Provavelmente essa conduta abala a auto-estima dos estudantes, que não aprovam ser ignorados. Existe uma crítica severa aos professores que só se preocupam em repassar o conteúdo, não se interessando em interagir com a turma. Para os professores a situação na sala de aula também torna-se desconfortável, já que os alunos não demonstram respeito (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Segundo Fante (2005), no ambiente escolar, a atitude violenta vem sendo uma ocorrência social que atinge boa parte da população, entre crianças e adolescentes, causada por fatores de dentro e fora da escola, seja nas interações familiares, sociais, sócio-educacionais e relações interpessoais.

Para Beaudoin (2006), vários escolares são frustrados, infelizes, não gostam de si mesmos. Eles sentem como se o mundo todo estivesse contra eles, e que os adultos não entendem o seu ponto de vista. Para estes escolares, a escola, nas suas práticas habituais de se concentrar nas conquistas, avaliações e regras, nas competições, geram uma situação que estimula distanciamento e frustrações.

2.2 O *bullying* no meio escolar: agressores e vítimas

De acordo com Silva (2010), os agressores têm em sua personalidade traços de maldade e desrespeito, e quase sempre, essas particularidades estão vinculadas a um nocivo artifício de liderança que, na maioria das vezes, é conseguido através da força física ou de forte perseguição psicológica. Quando ele está escoltado de seus “discípulos”, seu “poder” ganha auxílio, o que aumenta sua área de ação e sua eficiência em gerar novas vítimas. O autor destaca ainda que, as vítimas acham-se longe de um grupo ou próximas de algum adulto que possa defendê-las. Em sala de aula, são retraídos, tem dificuldade em questionar algo ao professor ou demonstrar sua opinião em público, tem faltas frequentes às aulas, na tentativa de fugir das agressões psicológicas ou humilhações. Aos poucos os alunos vão ficando desinteressados das atividades referentes à escola. Eventualmente, nas situações mais graves, apresentam arranhões, hematomas, cortes, ferimentos e roupas rasgadas.

Para Fante (2005), na maioria das vezes, os agressores procuram em suas vítimas alguma característica que possa usar de base para suas agressões. Sendo assim, eles atingem pessoas que são diferentes da maioria, como por exemplo: deficiência física, obesos, baixa ou alta estatura e outras várias características.

Segundo Silva (2010), indivíduos que sofrem *bullying* na infância têm maior propensão a enfrentarem um quadro de depressão e baixa autoestima na vida adulta. E da mesma maneira, quanto menor for a idade da criança repetidamente violenta, mais alto o perigo de demonstrar dificuldades vinculadas a atitudes antissociais em adultos e à ruína de chances de melhorar de vida, como a falta de estabilidade no emprego e relações afetivas pouco resistentes.

Martins (2005), citado por Antunes e Zuin (2008), diz que existem algumas formas de acontecer o *bullying* no espaço escolar. A primeira se caracteriza em diretos e físicos: abrangem extorsão de dinheiro, agressões físicas, roubos ou estragar objetos do outro, força comportamentos sexuais ou passam por ameaças de todas as atitudes citadas acima. A segunda em diretos e verbais: inclui insultos, apelidar, fazer comentários racistas ou que fale de qualquer diferença do outro. A forma oposta são as agressões indiretas: exclusão do outro, fofocas, boatos, ameaça de exclusão do grupo com objetivo de conseguir favorecimento, enfim, violência que controle a vida social da vítima.

2.3 A violência da infância e adolescência

Silva (2010), diz que o crescimento da conduta agressiva entre os jovens é um dos fatos que mais angustiam os pais e responsáveis que se ocupam com os jovens. A violência entre eles pode acontecer das mais diversas maneiras, desde meros desentendimentos verbais entre grupos ou indivíduos até brigas físicas, dadas na maioria das vezes por razões extremamente fúteis. É possível notar os abusos dos “mais poderosos” contra os mais fracos, eles humilham, intimidam das mais diferentes formas através de comentários maldosos, difamações e intrigas. O autor ainda destaca que todas essas modalidades de violência podem ser notadas desde as séries iniciais, em condutas que mostram com clareza uma predisposição individual/psicológica à impulsividade e à intolerância e que se estendem gradativamente até os anos escolares posteriores. Para Abramovay e Rua (2002), a ocorrência da violência se tornou um grandioso problema socioeconômico, é tido hoje, como uma grande dificuldade para a saúde pública, transformando-se na suprema causa de mortandade na juventude.

A violência revelada na juventude é resultado da desconstrução só psiquismo que acontece desde o amadurecimento emocional primitivo, como consequência das omissões maternas, de abandonos prematuros que a criança sofre por parte do pai ou por demasiada quantidade de estímulos de toda ordem que o ego da criança ainda não compreendeu. Nessas situações os excessivos estímulos amorosos, sexuais, violentos não elaborados se transformam em causas de angústia e produção de conflitos geralmente acalçados no ódio acumulado. A crescente da violência na escola vem focalizando a necessidade do entendimento de conflitos gerados entre pessoas, cuja agressividade está vinculada a outras atitudes como a rejeição entre colegas, delinquência e fracasso escolar. Crianças violentas com nível social mais alto demonstram comportamentos indiferentes, distraíndo-se com facilidade (LEVISKY, 2001).

2.5 Violência X Agressividade

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999), a agressividade associa-se com as ocupações do pensamento, imaginação ou de ação verbal ou não-verbal. Então, um indivíduo dito bondoso pode ter pensamentos altamente destrutivos, ou sua violência pode revelar-se pela ironia, pela negação de socorro. A agressividade não se retrata unicamente pela humilhação constrangimento ou destruição do outro, isto é, pelo exercício verbal ou físico sobre o mundo. Usualmente, busca-se a dominação e o controle dessa agressividade por meio da educação e os instrumentos sociais da lei da tradição. Sendo assim, desde criança o ser humano é motivado a moderar e a não manifesta-la de modo descomedido. A maneira de

entender a agressividade humana põe em pauta se a sociedade está alcançando ou não dispor de recursos adequados para conduzir esses impulsos destruidores para a não demonstração da violência. Violência é o uso desejado da agressividade, com fins destruidores: voluntário (intencional), racional (programado e com objeto ajustado da agressividade) e consciente, involuntário irracional (a violência destina-se a um objeto substituto, por exemplo, por ódio ao chefe, o indivíduo espanca o filho) e inconsciente.

Para Fante e Pedra (2008), o que pode induzir as crianças e adolescentes a cometerem o bullying é a carência de afeto, falha de imposição de limites, agressividade dos pais com os filhos e exploração violenta e emocional mostrada nos games e televisão. Existe também a grande competitividade que gera o individualismo e a dificuldade em conseguir se colocar no lugar do outro, a falta de exemplos a serem seguidos que ofereçam bons valores humanos. De acordo com Coloroso (2004), *bullying* é uma prática consciente que tem propósito de atingir de maneira hostil, trazer medo através da ameaça e causar terror, a prática do bullying pode ser aleatória ou premeditada, sutil ou escancarada, em público ou as escondidas, pode ser identificada com facilidade ou dificilmente percebida.

A agressividade está na formação da violência, mas este não é o único fato que a explica. A organização social incentiva, e mantém diferentes variedades de violência. O impulso pode acontecer tanto no estímulo à competição na escola e no mercado de trabalho, como no estímulo a que cada um dos indivíduos seja responsável por sua própria segurança pessoal. A criação e demonstração da violência acontecem quando se mantém milhões de cidadãos em situações subumanas de existência, o que acaba por causar a prática de infrações a sobrevivência. A violência faz-se presente em instantes em que o indivíduo está fragilizado onde as condições de vida do mesmo não estão favoráveis, ocasionando o uso de drogas, alcoolismo e suicídio levando-o a autodestruição. Ao mencionarmos à violência, usualmente a interligamos a prática de delitos e a criminalidade e a marginalidade em razão desta imagem ser transmitida pelos meios de comunicação. Contudo, existem outras formas de violência que estão postas em nosso cotidiano: a violência dentro da família, da escola, no trabalho, na policia e nas ruas (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

2.4 Ciberbullying: violência virtual

O mais moderno tipo de violência é o *ciberbullying*, que é a forma virtual do *bullying*. Na internet, é crescente a prática de agressões entre crianças e adolescentes. Através de redes sociais de relacionamento, a exemplo do *Facebook* e do *twitter*, são utilizados para ocasionar

a violência, alterar fotos e dados pessoais com o objetivo de causar intimidação psicossocial. Há uma minoria formada por jovens excessivamente nocivos, que precisam ser velozmente reconhecidos e paralisados, pois são os mestres ideológicos dos piores tipos de *ciberbullying*. Os agressores são absolutamente conscientes do que estão fazendo e da proporção que o seu ato pode tomar. E é isso que os fascina: produzir, controlar e propagar o sofrimento de outras pessoas, sem sentir arrependimento ou culpa. Conhecidos como “predadores”, eles são sedentos por entretenimento. Eles acreditam que suas vítimas são as responsáveis pelo maltrato que sofrem on-line, pois são indivíduos muito vulneráveis e pouco espertos. Além da disseminação das injúrias ser quase imediatas, a multiplicação das publicações é muito rápida, o *ciberbullying* vai bem além dos muros escolares e expõe a vítima à toda sociedade (SILVA, 2010).

Para Fante e Pedra (2008), em grande parte dos casos, esse tipo de violência acontece de maneira indireta, em que a vítima só saberá do ocorrido depois que já tenha se disseminado na internet. Entre os resultados para uma pessoa, pode-se citar o esgotamento emocional, reações fisiológicas como diarreia, febre, sono, insônia, dores musculares entre outros, também pode ocasionar doenças crônicas como, obesidade, anorexia, diabetes, e várias outras, mexendo com o psicológico, ocasionando medo, angustia e raiva.

É de extrema importância diferenciar as duas categorias de adolescentes: uma contém indivíduos que demonstram condutas pouco bondosas somente durante a adolescência, que é a grande maioria, e outra composta por um número mínimo de indivíduos que apresentam comportamentos não bondosos desde a infância, que se prolonga ao longo da adolescência e da vida adulta. É fundamental que façamos essa diferenciação para podemos compreender as causas pelas quais vários adolescentes demonstram condutas antiéticas e ilegais, que incluem o *bullying* e o *ciberbullying* (categoria mais grave). Exatamente por não sentirem empatia, diversos adolescentes creem que seus atos são apenas “brincadeiras” sem maiores danos e tem conhecimento de que, se forem descobertos, nada irá lhes acontecer, já que são menores de idade e protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). E alguns não compreendem que, ao compartilharem uma mensagem falsa, tornam-se cúmplices da violência e, por isso, também são vulneráveis à punições (SILVA, 2010).

3 MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Caracterizações dos sujeitos de pesquisa

Os adolescentes que fazem parte desta pesquisa são alunos de 6^a à 9^a série do ensino fundamental e médio, de ambos os sexos, num total de 136 alunos, sendo que 73 são meninos e 63 meninas. Os alunos pertencem a Escola Estadual de 1^o e 2^o Grau Presidente Afonso Pena e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigo Alves no município de Paraíso do Sul – RS.

3.2 Abordagem metodológica

O processo utilizado nesta pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo exploratório. Segundo Campos (2001) e Gaya (2008), a pesquisa descritiva busca conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir, somente descrevendo essa realidade.

O estudo exploratório trabalha a apreensão, a crítica e a dúvida. Oferece oportunidades de captar uma variedade de situações ou fenômenos observados diretamente em uma real situação (MINAYO, 1999).

3.3 Procedimentos metodológicos

Este estudo obedecerá as seguintes etapas:

1^a) Solicitar a permissão para a direção da escola para o estudo e aplicação do questionário (em anexo), ocasião que foram esclarecidos os objetivos do estudo;

2^a) Marcar data nas respectivas escolas para efetuar a coleta de dados, ou seja, a aplicação do questionário.

3^a) Aplicar o questionário (MAYER, 2000) (anexo A), etapa realizada pela própria pesquisadora em sala de aula, sendo lido o questionário, questão por questão. Após a leitura, a pesquisadora ficará à disposição dos alunos para possíveis dúvidas que possam surgir.

4^a) Tabulação, organização e análise dos dados;

5^a) Elaboração do artigo;

6^a) Defesa do trabalho de conclusão;

3.4 Técnicas e instrumentos de coletas de dados

Para o diagnóstico da agressividade dentro das escolas, será utilizada uma entrevista individual, através de um questionário (ANEXO A) (OLWEUS, 1993), adaptado por Mayer (2000). O pesquisador estará presente, justificando a pesquisa e qual seus objetivos. Esses tipos de questionários fornecem dados para análise do perfil de agressividade de uma escola.

3.5 Análise estatística

Os dados serão analisados no programa estatístico SPSS versão 23.0 (IBM, Armonk, NY, EUA), através de frequência absoluta e relativa. A comparação do perfil de comportamento agressivo entre as escolas será realizada através do teste de qui-quadrado, sendo consideradas significativas as diferenças para $p < 0,05$.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Violências nas escolas*. 3.ed. Brasília: UNESCO, 2002.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v 20, n. 1, jan./abr. 2008.
- BERGER, Kathleen. S. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, v.27, n.90, p.126, 2007.
- BEAUDOIN, Marie-Nathalie. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CAMPOS, Luis Fernando. *Métodos de técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Alínea, 2001.
- CANTINI, Nilza. *Problematizando o bullying para a realidade brasileira*. São Paulo; Vetor, 2004.
- CARVALHO, Marília Pinto de. *Violências nas escolas: o “Bullying” e a indisciplina*. Observatório da Infância, Rio de Janeiro, ago. 2007. Disponível em: <http://mineiros.com/violencias-nas-escolas-o-bullying-e-a-indisciplina/> . Acesso em: 11 mar. 2016.
- COLOROSO, Barbara. *The bully, the bullied and the bystander. From preschool to high school – how parentes and techers can help break the cycle of violence*. New York: Harper Collins Publishers, 2004.
- FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas. Versus, 2005.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GAYA, Adroaldo. *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LEVISKY, David W. (Org). *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e manipulando”*. São Paulo: Casa do Psicólogo. Hebraica, 2001.
- LOPES NETO, Aramis A. *Violência escolar. Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudantes*. Santiago de Chile: Universitária, 2005.
- LOPES, N. A.A; SAAVEDRA, L. H; *Diga NÃO para o Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

MAYER, Sandra Mara. *Comportamento Agressivo em Escolares de 1º a 8º série do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da Teoria dos Sistemas Ecológicos*, 2000. 196 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional área de concentração: sócio cultural) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

OLWEUS, Dan. *Bullyng of at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell: 1993.

ROLIM, M. *Bullying: o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. Porto Alegre; Porto, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CAPÍTULO II
ARTIGO

BULLYING, AGRESSORES E VÍTIMAS ESCOLARES: uma comparação entre escolas da rede estadual e municipal de Paraíso do Sul - RS.

Cristine Ropke¹, Sandra Mara Mayer²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar e comparar o perfil de comportamento agressivo dos alunos que frequentam uma escola municipal e uma estadual no município de Paraíso do Sul - RS. São sujeitos do estudo descritivo-exploratório, 136 alunos de 6^a à 9^a ano. Foi aplicado um questionário para identificar casos de comportamento agressivo em escolares. Este estudo constatou que 52,2% dos alunos já foram agredidos alguma vez na escola, principalmente entre os meninos (56,2%). Entre as meninas, 47,6% já sofreram algum tipo de agressão. Os dados mostram que quase todos os alunos já sofreram algum tipo de agressão, sendo que para meninos, o tipo de agressão que mais ocorre é “não falaram comigo” (17,8%). Para as meninas, a agressão que acontece com mais frequência é “não falaram comigo” (22,2%). Este estudo mostra que os locais onde ocorrem as agressões, para os meninos, (24,7%) Na sala de aula, e para as meninas, com (27,0%) nos corredores e escadas. Se tratando do sexo dos agressores, pode-se verificar que os meninos confirmam que (23,3%) dos agressores são meninos e meninas, e as meninas relatam que (28,6%) dos agressores são meninos. A maioria de ambos os sexos responderam que ninguém os agrediu (26,5%). Em se tratando da comparação entre a escola estadual e municipal, observa-se uma porcentagem elevada de escolares que já foram agredidos alguma vez na escola (52,2%), principalmente na escola municipal (52,9%). Quando questionados se “em tua casa falaram por teres agredido alguém?” na escola estadual (33,8%) os pais falaram, e na escola municipal a maioria das respostas fica dividida entre “sim, falaram” e “não falaram” (26,5%). Quando foram questionados em relação a como foram agredidos, na escola estadual a maioria dos alunos respondeu que ninguém se meteu com eles (20,6%), na escola municipal a maioria das respostas foi “me fizeram outras coisas” (22,1%).

Analisando os resultados deste estudo, pode-se concluir que os casos de violência são muito presente tanto a escola estadual quanto a municipal. A violência está cada vez mais frequente, devido à falta de diálogo entre pais, alunos, professores e direção sobre o tema *bullying*. A escola deve ser considerada uma transmissora de valores e conhecimento, que levaremos por toda a vida, para impedirmos a o ciclo do *bullying* no contexto escolar, as iniciativas na área devem buscar responder aos desafios impostos e superar esse problema. Torna-se importante associar diversos fatores sociais e vários setores da sociedade no sentido de instalar políticas públicas que procurem estimular valores e atitudes de paz e convivência saudável. Esse fenômeno precisa ser combatido, mas para isso é necessário que toda a comunidade escolar caminhe junto, onde todos os indivíduos sejam respeitados.

Palavra-chave: *Bullying*, agressividade na escola, crianças violentas.

ABSTRACT

This study aims to identify and compare the aggressive profile of students attending a public school and a state in the municipality of Paraíso do Sul - RS. Are subjects of descriptive exploratory study, 136 students from 6th to 9th year. A questionnaire was used to identify cases of aggressive behavior in school. This study found that 52.2% of students have been assaulted at least once in school, particularly among boys (56.2%). Among girls, 47.6% had experienced some form of aggression. The data show that almost all students have suffered some kind of aggression, and for boys, the kind of aggression that occurs more is "not talk to me" (17.8%). For girls, the aggression that happens more often is "not talk to me" (22.2%). This study shows that the places where the attacks occur, for boys (24.7%) In the classroom, and for girls, with (27.0%) in the hallways and stairs. However, most of the answers is to "nobody beat me" (26.5%). The case of sex offenders, can be seen that the children confirm that (23.3%) of offenders are boys and girls, and the girls report that (28.6%) of offenders are boys. Most men and women responded that no one beat them (26.5%). In terms of comparison between state and municipal school, there is a high percentage of students who have been assaulted at least once in school (52.2%), mainly in the municipal school (52.9%). When asked if "in your house spoken for having assaulted someone?" On state school (33.8%) parents spoke, and municipal school most of the answers is divided between "yes, talked" and "did not speak" (26 , 5%). When they were questioned about how they were beaten in the state school most students responded that no one messed with them (20.6%), in the municipal school most of the answers was "made me other things" (22.1%). About where the attacks occur, (29.4%) of the state school, said that "no one beat me," and state school, most of the answers were "no one beat me" (23.5%). When asked who beat them in the state school most of the answers is "no one beat me" (29.4%). In public school responses are divided with the same percentage (23.5%) to "no one attacked me" and "a boy".

Analyzing the results of this study, it can be concluded that cases of violence are very present both state school and municipal. The violence is increasingly common due to the lack of dialogue between parents, students, teachers and guidance on the subject of bullying. The school should be considered a transmitting values and knowledge, which will take throughout life, we prevent the bullying cycle in the school context, initiatives in the area should seek to respond to the challenges and overcome this problem. It is important to involve various social factors and various sectors of society to install public policies that seek to foster values and attitudes of peace and healthy living.

Keyword: Bullying , aggression at school, violent children

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), curso de Educação Física Licenciatura. E-mail: cristine.ropke@gmail.com

² Professora do curso de Educação Física da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e orientadora da monografia. E-mail: smmayer@unisc.br

INTRODUÇÃO

De acordo com Carvalho (2007), o termo *bullying* existe há muito tempo, porém nos aparenta ser um fenômeno relativamente novo. O professor universitário da Noruega Dan Olweus foi pioneiro ao relacionar a palavra ao fato, enquanto realizava pesquisas sobre os suicídios entre adolescentes. Ele verificou que por meados de 1970 a maioria dos jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça, por conseguinte, cometiam suicídio no intuito de acabar com o mal. O fenômeno se tornou popular e se expandiu com a ajuda dos meios eletrônicos de comunicação, como a televisão, rádio e a internet, pois as brincadeiras ofensivas e os apelidos pejorativos foram tomando maiores dimensões. Por ter consequências irremediáveis, se faz indispensável debater o tema com mais precocidade na escola e de maneira mais valorosa.

Segundo Fante (2005), para manter suas vítimas sob domínio os agressores usam de estratégias de intimidação. O *bullying* pode ocorrer também no ambiente familiar, reconhecidos na figura dos irmãos, pais ou cônjuges violentos. Que maltratam suas vítimas causando dor, sofrimento e perda da autoestima. Os agressores podem ser identificados em vários contextos sociais, como em hospitais, em paradas de ônibus, em filas de bancos e até mesmo em delegacias. A violência no ambiente escolar é uma complicação universal. A vitimização e o *bullying* demonstram distintos modos de relação em ocorrências de agressividade no decorrer da infância e adolescência. O termo *bullying* refere-se a uma maneira de confirmação de autoridade interpessoal através da hostilidade. A vitimização acontece no momento em que uma pessoa é feita vítima do tratamento hostil. O *bullying* e a vitimização têm resultados maléficos instantâneos e tardios sobre todos os abrangidos, vítimas, agressores e os que observam.

Silva (2010) afirma que os agressores têm em sua personalidade traços de maldade e desrespeito, e quase sempre, essas particularidades estão vinculadas a um nocivo artifício de liderança que, na maioria das vezes, é conseguido através da força física ou de forte perseguição psicológica. Quando ele está escoltado de seus “discípulos”, seu “poder” ganha auxílio, o que aumenta sua área de ação e sua eficiência em gerar novas vítimas. O autor destaca ainda que, as vítimas acham-se longe de um grupo ou próximas de algum adulto que possa defendê-las. Em sala de aula, são retraídos, tem dificuldade em questionar algo ao professor ou demonstrar sua opinião em público, tem faltas frequentes às aulas, na tentativa de fugir das agressões psicológicas ou humilhações. Aos poucos os alunos vão ficando desinteressados das atividades referentes à escola. Eventualmente, nas situações mais graves,

apresentam arranhões, hematomas, cortes, ferimentos e roupas rasgadas. O crescimento da conduta agressiva entre os jovens é um dos fatos que mais angustiam os pais e responsáveis que se ocupam com os jovens. A violência entre eles pode acontecer das mais diversas maneiras, desde meros desentendimentos verbais entre grupos ou indivíduos até brigas físicas, dadas na maioria das vezes por razões extremamente fúteis. É possível notar os abusos dos “mais poderosos” contra os mais fracos, eles humilham, intimidam das mais diferentes formas através de comentários maldosos, difamações e intrigas. Todas essas modalidades de violência podem ser notadas desde as séries iniciais, em condutas que mostram com clareza uma predisposição individual/psicológica à impulsividade e à intolerância e que se estendem gradativamente até os anos escolares posteriores. Para Abramovay e Rua (2002), a ocorrência da violência se tornou um grandioso problema socioeconômico, é tido hoje, como uma grande dificuldade para a saúde pública, transformando-se na suprema causa de mortandade na juventude.

Para Fante e Pedra (2008), em grande parte dos casos, o *cyberbullying* acontece de maneira indireta, em que a vítima só saberá do ocorrido depois que já tenha se disseminado na internet. Entre os resultados para uma pessoa, pode-se citar o esgotamento emocional, reações fisiológicas como diarreia, febre, sono, insônia, dores musculares entre outros, também pode ocasionar doenças crônicas como, obesidade, anorexia, diabetes, e várias outras, mexendo com o psicológico, ocasionando medo, angustia e raiva.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo identificar e comparar o perfil de comportamento agressivo de alunos que frequentam uma escola estadual e uma municipal de Paraíso do Sul – RS.

MÉTODOS

Os sujeitos do presente estudo descritivo-exploratório são 136 escolares, sendo 73 do sexo masculino, alunos de duas escolas localizadas em Paraíso do Sul – RS. Primeiramente, solicitou-se a permissão para a direção da escola para o estudo e aplicação do questionário adaptado por Mayer (2000), para obter o perfil de agressividade dentro das escolas. Os dados foram analisados no programa estatístico SPSS versão 23.0 (IBM, Armonk, NY, EUA), através de frequência absoluta e relativa. A comparação do perfil de comportamento agressivo entre as escolas foi realizada através do teste de qui-quadrado, sendo consideradas significativas as diferenças para $p < 0,05$.

RESULTADOS

Neste capítulo estão expostos os resultados da pesquisa. A tabela 1 apresenta as características dos sujeitos avaliados. Observa-se que 53,7% são meninos e 54,4% apresentam 13 e 14 anos. Com relação à rede escolar, a amostra é homogênea (50,0% para cada rede de ensino).

Tabela 1. Caracterização dos sujeitos

	n (%)
Sexo	
Masculino	73 (53,7)
Feminino	63 (46,3)
Idade	
11 anos	17 (12,5)
12 anos	25 (18,4)
13 anos	37 (27,2)
14 anos	37 (27,2)
15 anos	13 (9,6)
16 anos	7 (5,1)
Rede escolar	
Municipal	68 (50,0)
Estadual	68 (50,0)

Ao verificar a tabela 2, observa-se uma porcentagem elevada de escolares que já foram agredidos alguma vez na escola (52,2%), principalmente entre os meninos (56,2%). Quando questionados se “em tua casa falaram por teres agredido alguém?” entre os meninos (32,9%) os pais falaram, e entre as meninas (27,0%).

Quando os alunos foram questionados em relação a como foram agredidos, as respostas nos mostram muitos tipos de agressões, sendo que 56,2% dos meninos e 47,6% das meninas já foram agredidos de alguma forma. Na tabela 2 pode ser observado que os meninos sofrem mais agressão física que as meninas, (12,3% e 9,5% respectivamente). Para as meninas, o tipo de agressão que mais sofrem é “não falaram comigo” (15,9%), com (19,9%) do total de sujeitos. Ainda, 4,1% dos meninos já sofreram roubo e 7,9% das meninas relataram que já as causaram medo.

Sobre os locais onde ocorrem as agressões, 24,7% para os meninos, a sala de aula é onde ocorre o maior número de agressões, e para as meninas, com 27,0% ocorrem nos corredores e escadas.

Quando questionados sobre quem os agrediu no caso das meninas prevalece a resposta “ninguém me agrediu” (31,7%), e entre os meninos a maioria das respostas é “meninas e meninas” (23,3%).

Tabela 2. Questionário sobre agressividade escolar: comparação entre sexos.

	Masculino n (%)	Feminino n (%)	Total n (%)
Você já foi agredido alguma vez na escola			
Sim	41 (56,2)	30 (47,6)	71 (52,2)
Não	32 (43,8)	33 (52,4)	65 (47,8)
Em tua casa falaram por teres agredido alguém			
Não agredi ninguém	16 (21,9)	15 (23,8)	31 (22,8)
Uma vez esta semana	18 (24,7)	16 (25,4)	34 (25,0)
Não falaram	15 (20,5)	15 (23,8)	30 (22,1)
Sim, falaram	24 (32,9)	17 (27,0)	41 (30,1)
Como te agrediram			
Ninguém se meteu comigo	11 (15,1)	10 (15,9)	21 (15,4)
Me bateram (socos, pontapés ou chutes)	9 (12,3)	6 (9,5)	15 (11,0)
Me roubaram coisas	3 (4,1)	9 (14,3)	12 (8,8)
Me causaram medo	10 (13,7)	5 (7,9)	15 (11,0)
Me disseram nomes feios (de mim ou de meu corpo)	9 (12,3)	10 (15,9)	19 (14,0)
Falaram de mim (contaram segredos meus)	11 (15,1)	1 (1,6)	12 (8,8)
Me fizeram outras coisas	7 (9,6)	8 (12,7)	15 (11,0)
Não Falaram comigo	13 (17,8)	14 (22,2)	27 (19,9)
Quando te agrediram			
Ninguém me agrediu	16 (21,9)	20 (31,7)	36 (26,5)
Na cozinha/bar	8 (11,0)	9 (14,3)	17 (12,5)
No recreio	10 (13,7)	7 (11,1)	17 (12,5)
Nos corredores e nas escadas	10 (13,7)	17 (27,0)	27 (19,9)
Nas salas de aula	18 (24,7)	9 (14,3)	27 (19,9)
Em outro lugar	11 (15,1)	1 (1,6)	12 (8,8)
Quem te agrediu			
Ninguém me agrediu	16 (21,9)	20 (31,7)	36 (26,5)
Uma menina	7 (9,6)	8 (12,7)	15 (11,0)
Muitas meninas	12 (16,4)	2 (3,2)	14 (10,3)
Um menino	11 (15,1)	18 (28,6)	29 (21,3)
Muitos meninos	10 (13,7)	5 (7,9)	15 (11,0)
Meninos e meninas	17 (23,3)	10 (15,9)	27 (19,9)

Ao verificar a tabela 3, mostra que 52,2% dos escolares já foram agredidos alguma vez na escola, principalmente na escola municipal (52,9%). Quando questionados se “em tua casa falaram por teres agredido alguém?” na escola estadual (33,8%) os pais falaram, e na escola municipal a maioria das respostas fica dividida entre “sim, falaram” e “não falaram” (26,5%).

Quando os alunos foram questionados em relação a como foram agredidos, na escola estadual a maioria dos alunos respondeu que ninguém se meteu com eles (20,6%), na escola municipal a maioria das respostas foi “me fizeram outras coisas” (22,1%).

Sobre os locais onde ocorrem as agressões, (29,4%) da escola estadual, respondeu que “ninguém me agrediu”, e na escola estadual, a maioria das respostas foram “ninguém me

agrediu” (23,5%), seguidas de “nos corredores e escadas” (22,1%) e “na sala de aula” (22,1%).

Quando questionados sobre quem os agrediu na escola estadual boa parte das respostas está em “meninos e meninas” (20,6%), porém, a maioria das respostas está em “ninguém me agrediu” (29,4%). Na escola municipal as respostas se dividem com igual percentual (23,5%) nas respostas “ninguém me agrediu” e “um menino”.

Tabela 3. Questionário sobre agressividade escolar: comparação entre escolas.

	Estadual n (%)	Municipal n (%)	Total n (%)
Você já foi agredido alguma vez na escola			
Sim	35 (51,5)	36 (52,9)	71 (52,2)
Não	33 (48,5)	32 (47,1)	65 (47,8)
Em tua casa falaram por teres agredido alguém			
Não agredi ninguém	16 (23,5)	15 (22,1)	31 (22,8)
Uma vez esta semana	17 (25,0)	17 (25,0)	34 (25,0)
Não falaram	12 (17,6)	18 (26,5)	30 (22,1)
Sim, falaram	23 (33,8)	18 (26,5)	41 (30,1)
Como te agrediram			
Ninguém se meteu comigo	14 (20,6)	7 (10,3)	21 (15,4)
Me bateram (socos, pontapés ou chutes)	8 (11,8)	7 (10,3)	15 (11,0)
Me roubaram coisas	6 (8,8)	6 (8,8)	12 (8,8)
Me causaram medo	6 (8,8)	9 (13,2)	15 (11,0)
Me disseram nomes feios (de mim ou de meu corpo)	9 (13,2)	10 (14,7)	19 (14,0)
Falaram de mim (contaram segredos meus)	7 (10,3)	5 (7,4)	12 (8,8)
Me fizeram outras coisas	12 (17,6)	15 (22,1)	15 (11,0)
Não Falaram comigo	6 (8,8)	9 (13,2)	27 (19,9)
Quando te agrediram			
Ninguém me agrediu	20 (29,4)	16 (23,5)	36 (26,5)
Na cozinha/bar	7 (10,3)	10 (14,7)	17 (12,5)
No recreio	10 (14,7)	7 (10,3)	17 (12,5)
Nos corredores e nas escadas	12 (17,6)	15 (22,1)	27 (19,9)
Nas salas de aula	12 (17,6)	15 (22,1)	27 (19,9)
Em outro lugar	7 (10,3)	5 (7,4)	12 (8,8)
Quem te agrediu			
Ninguém me agrediu	20 (29,4)	16 (23,5)	36 (26,5)
Uma menina	6 (8,8)	9 (13,2)	15 (11,0)
Muitas meninas	9 (13,2)	5 (7,4)	14 (10,3)
Um menino	13 (19,1)	16 (23,5)	29 (21,3)
Muitos meninos	6 (8,8)	9 (13,2)	15 (11,0)
Meninos e meninas	14 (20,6)	13 (19,1)	27 (19,9)

DISCUSSÃO

O presente estudo, realizado com os alunos de 6ª à 9ª ano de uma escola estadual e uma municipal de Paraíso do Sul, estado do Rio Grande do Sul, verificou que 52,2% dos alunos já foram agredidos alguma vez na escola, principalmente os meninos (56,2%). Entre as meninas, 47,6% já sofreram algum tipo de agressão. Estes dados são semelhantes ao estudo

realizado por Daudt (2010), em uma escola estadual de Rio Pardo - RS, que observou um percentual de 45,07% entre os meninos.

Quando questionados se “em tua casa falaram por teres agredido alguém?” entre os meninos (32,9%) os pais falaram, e entre as meninas (27,0%). Segundo Fante (2005), é fundamental que os pais acompanhem e participem da rotina de seus filhos, para que consigam notar atitudes e condutas erradas e assim possam corrigi-los e incentiva-los para um melhor desenvolvimento e rendimento nas tarefas e até mesmo na socialização, fator de muita importância no desenvolvimento da criança.

Os dados mostram que quase todos os alunos já sofreram algum tipo de agressão, sendo que para meninos, o tipo de agressão que mais ocorre é “não falaram comigo” (17,8%), em segundo lugar, “o falaram de mim” e “ninguém se meteu comigo” (15,1%). E para as meninas, a agressão que acontece com mais frequência também é “não falaram comigo” (22,2%), seguido pela agressão verbal de dizer nomes feios e “ninguém se meteu comigo” ambos com 15,9%. Para Gonçalves (2008), em seu estudo realizado em uma escola estadual de Santa Cruz do Sul – RS, 21,43% dos meninos dizem que foram agredidos verbalmente, e (16,07%) falam que lhes causaram medo. Para as meninas lhes causaram medo e as roubaram foram 10,71%) das agressões sofridas, sendo que a agressão verbal “me disseram nomes feios” para elas foi a que mais aconteceu, com (16,07%). Em um estudo realizado por Malta, Porto, Alves Silva, Monteiro, Andrade, Silva, Crespo, Mello (2014) a prática de bullying foi relatada por 20,8% e foi mais frequente entre os estudantes do sexo masculino (26,1%), do que do sexo feminino (16,0%).

Este estudo mostra que os locais onde ocorrem as agressões, para os meninos, a sala de aula é onde ocorre o maior número de agressões (24,7%), e para as meninas, nos corredores e escadas (27,0%). Sobre este assunto, Daudt (2010) descreve, em seu estudo realizado em Rio Pardo - RS, que o recreio é o local onde ocorre a maioria das agressões, com 18,31% para os meninos e 7,5% para as meninas.

Se tratando do sexo dos agressores, podendo-se verificar que os meninos dizem que 23,3% dos agressores são meninos e meninas, e para as meninas, 28,6% são meninos. De modo geral (26,5%) de ambos os sexos responderam que ninguém os agrediu. Segundo Daudt (2010), para os meninos, o agressor foi declarado como um menino (25,35%) e 15,49% vários meninos, sendo para as meninas, seu agressor um menino em 7,50%, e 7,50% uma menina. Para Gonçalves (2008), em seu trabalho realizado em Santa Cruz do Sul, os agressores dos meninos com 21,43% dos casos é um menino, e para as meninas, o agressor é uma menina em 8,93% dos casos.

Quando comparamos a escola estadual com a municipal observa-se uma porcentagem elevada de escolares que já foram agredidos alguma vez na escola (52,2%), principalmente na escola municipal (52,9%). De acordo com Malta et al (2014) em estudo feito com estudantes brasileiros no ano de 2012, 27,5% relatam que nenhuma vez, ou quase nunca, foram bem tratados pelos colegas na escola, sendo a frequência maior entre meninos (31,7%), 30,1% em alunos de escolas públicas, versus 14,8% em alunos de escola privada. Quando questionados se “em tua casa falaram por teres agredido alguém?” na escola estadual (33,8%) os pais falaram, e na escola municipal a maioria das respostas fica dividida entre “sim, falaram” e “não falaram” (26,5%). O suporte aos filhos se associa à situação de proteção dos escolares em diversos aspectos, evitando atitudes de violência, como envolvimento em brigas e lutas físicas (ANDRADE; 2012). Beaudonin (2006) destaca ainda que em estudo com estudantes de 5º série nos programas de participação dos pais revelam que os alunos mostram-se gratos pela presença dos seus pais em suas aulas, esse tipo de relacionamento ajuda a criar vínculo significativos na vida dos alunos, oportunizando que eles reflitam sobre o valor dos cuidados que recebem de seus pais.

Quando os alunos foram questionados em relação a como foram agredidos, na escola estadual a maioria dos alunos respondeu que ninguém se meteu com eles (20,6%), na escola municipal a maioria das respostas foi “me fizeram outras coisas” (22,1%). Já no estudo realizado em Lisboa por Matos, os alunos relataram sofrer principalmente agressões verbais, sendo a principal opção “me disseram nomes feios”.

Sobre os locais onde ocorrem as agressões, (29,4%) da escola estadual, respondeu que “ninguém me agrediu”, e na escola estadual, a maioria das respostas foram “ninguém me agrediu” (23,5%), seguidas de “nos corredores e escadas” (22,1%) e “na sala de aula” (22,1%). De acordo com Gimarães (2005), nos momentos em que os alunos encontram-se fora da sala de aula consideram que podem brincar e extravasar, e acabam tendo atitudes violentas.

Quando questionados sobre quem os agrediu na escola estadual boa parte das respostas está em “meninos e meninas” (20,6%), porém, a maioria das respostas está em “ninguém me agrediu” (29,4%). Na escola municipal as respostas se dividem com igual percentual (23,5%) nas respostas “ninguém me agrediu” e “um menino”. Em um estudo feito por Silva (2013) em uma escola estadual no município de Encruzilhada do Sul - RS os agressores foram declarados como um menino (18,2%) e muitos meninos (6,1%).

CONCLUSÃO

A partir do presente estudo pode-se constatar o perfil de agressividade dos alunos pesquisados de uma escola estadual e uma escola municipal de Paraíso do Sul – RS.

O presente estudo identificou um índice consideravelmente alto de alunos que já sofreram algum tipo de *bullying* na escola, visto que os alunos são de um município pequeno, da zona rural, onde as pessoas geralmente tem um comportamento pacífico. Analisando os resultados da pesquisa a sala de aula é lugar o onde mais ocorre agressões na escola municipal.

Outro aspecto relevante a salientar, é o fato de, na escola estadual, os pais chamarem a atenção de seus filhos em casa no caso de terem cometido algum tipo de agressão com os colegas. Quanto a escola municipal, a maioria dos alunos não são repreendidos em casa por terem cometido algum tipo de violência.

Analisando os resultados deste estudo, pode-se concluir que os casos de violência estão muito presentes, tanto na escola estadual quanto na municipal. Recomenda-se diálogo entre pais, alunos, professores e direção sobre o tema *bullying*. A escola deve ser considerada uma transmissora de valores e conhecimento, que levaremos por toda a vida, para impedirmos a o ciclo do *bullying* no contexto escolar, as iniciativas na área devem buscar responder aos desafios impostos e superar esse problema. Torna-se importante associar diversos fatores sociais e vários setores da sociedade no sentido de instalar políticas públicas que procurem estimular valores e atitudes de paz e convivência saudável. Esse fenômeno precisa ser combatido, mas para isso é necessário que toda a comunidade escolar caminhe junto, onde todos os indivíduos sejam respeitados.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Pinto de. *Violências nas escolas: o “Bullying” e a indisciplina*. Observatório da Infância, Rio de Janeiro, ago. 2007. Disponível em: <http://mineiros.com/violencias-nas-escolas-o-bullying-e-a-indisciplina/> . Acesso em: 11 mar. 2016.

DAUT, Marcelo Dário de Azevedo. *Bullying x Escola: Um estudo com Escolares de 5ª a 8ª série da Escola Estadual Ensino Fundamental Dr. Pedro Alexandrino de Borba do município de Rio Pardo- RS*.2010. Monografia do curso de Graduação Física, Santa Cruz do Sul, 2010.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas. Versus, 2005.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA SA. *Bullying – uma agressividade escolar: um estudo de 5ª e 8ª série da Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão do Quaraí do município de Encruzilhada do Sul – RS*, 2013. 30f. Monografia (Graduação do Curso de Educação Física) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Violências nas escolas*. 3.ed. Brasília:UNESCO, 2002.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie. *Bullying e desrespeito: Como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. *Bullying escolar e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GONÇALVES, Miguel Ari. *Comportamento agressivo na escola: um estudo na Escola Estadual de Ensino Médio Willy Carlos Frohlich, Santa Cruz do Sul – RS*, 2008. Monografia do curso de Educação Física, Santa Cruz do Sul, 2008.

GUIMARÃES, Áurea M. *A Dinâmica da Vilência Escolar*, 2005.

MAYER, Sandra Mara. *Comportamento Agressivo em Escolares de 1º a 8º série do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da Teoria dos Sistemas Ecológicos*, 2000. 196 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional área de concentração: sócio cultural) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

MATOS MG, GONÇALVES SMP. *Bullying nas Escolas: Comportamentos e Percepções*. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 10(1), 3-15, 2009.

MALTA, D.C; PORTO, D.L; SILVA, M.M.A ; MONTEIRO, R.; ANDRADE, S.S.C; SILVA, M.A.I; CRESPO, C.D; MELLO, F.C.M; *Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012)*, *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, 2014.

ANEXOS

ANEXO A- Instrumento de coleta de dados

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE**

BLOCO I

Assinale com um X.

1. Em que série estás?

1 ^a
2 ^a
3 ^a
4 ^a

2. És um menino ou uma menina?

M
F

3. Que idade tens? _____ anos.

4. Você já foi agredido alguma vez na escola?

Sim
Não

BLOCO III

5. Como te agrediram?

Assinale com um X de acordo com o que já te aconteceu.

- (A) Ninguém se meteu comigo
- (B) Me bateram, me deram socos e pontapés ou chutes
- (C) Me roubaram coisas
- (D) Me causaram medo
- (E) Me disseram nomes feios. Disseram coisas de mim ou do meu corpo
- (F) Falaram de mim, contaram segredos meus.
- (G) Não falaram comigo
- (H) Me fizeram outras coisas. Que coisas foram estas? _____

6. Quando é que te agrediram (lugar)?

- (A) Ninguém me agrediu
 - (B) No recreio
 - (C) Na cozinha/bar
 - (D) Nos corredores e nas escadas
 - (E) Nas salas de aula
 - (F) Em outro lugar.
- Qual? _____

7. De que séries são os alunos que te agrediram?

- (A) Ninguém me agrediu
- (B) Da minha série, mas de outra turma.
- (C) São mais novos
- (D) São da minha turma
- (E) São mais velhos

8. Quem te agrediu?

- (A) Ninguém me agrediu
- (B) Uma menina
- (C) Muitas meninas
- (D) Um menino
- (E) Muitos meninos
- (F) Meninos e meninas

9. Quantos colegas da tua sala te agrediram?

- (A) Nenhum
- (B) Um colega
- (C) Dois ou três colegas
- (D) Quatro ou mais colegas

BLOCO IV

10. Quantas vezes você agrediu (bater, empurrar, puxar, dizer nomes, causar nomes) alguém?

Ninguém saberá o que disseste.

11. Quantas vezes, na última semana, te reuniste com colega para agredir alguém?

- (A) Nunca
- (B) Uma vez
- (C) Duas vezes
- (D) Cinco ou mais vezes

12. Quantos colegas da tua sala agrediram outros colegas? Conta contigo se és um dos que agrediu.

- (A) Nenhum
- (B) Um colega
- (C) Dois ou três colegas
- (D) Quatro ou mais colegas

13. Te juntas com outros para agredir um aluno de quem não gostas?

- (A) Não
- (B) Só se ele me irrita muito
- (C) Não sei
- (D) Sim

14. Em tua casa falaram por teres agredido alguém?

- (A) Não agredi ninguém.
- (B) Uma vez esta semana.
- (C) Não falaram.
- (D) Sim, falaram.

ANEXO B

Diretrizes para Autores.

Se você quiser, aqui estão algumas maneiras através das quais você pode colaborar com a nossa produção digital ...

Informe-se ver alguns erros, tipográficos ou não permitem acessar qualquer tela.

Entrar em contato com os autores dos artigos, discutir com eles, incentivá-los a continuar publicando, convidá-los para dar cursos e participar de conferências.

Para divulgar a publicação entre amigos e colegas.

Enviar comentários, sugestões, ideias, propostas, ocorrências.

Enviar artigos para publicar. Dizer aos colegas que desejam fazê-lo.

Imprima o índice, papel de fotocópia e cole o dobro do tamanho carta na eliminatória do Instituto, a Universidade ou a biblioteca em sua área.

Incluir um link de seu site, blog, Facebook, Twitter, LinkedIn ou outros.

Se você quiser traduzir artigos oferecer ou de qualquer idioma.

Assine a nossa Newsletter.

Use nossos artigos em seus trabalhos acadêmicos, incluí-los na literatura.

NOTAS

As notas devem desenvolver o assunto em profundidade com um estilo claro e legível. O teor deve ser, tanto quanto possível original e inédita. Se fosse um papel em um evento, indicar local, instituição e respectiva data. Os itens são enviados sob um pseudônimo especialistas ou profissionais envolvidos Revista de supervisão acadêmica.

O texto do artigo deve ser produzido em formato digital o mais neutro possível (.doc ou .rtf): sem recuo, fonte Arial ou Times New Roman, espaço 1,5 e não-espacamento. Deve ser enviado para o nosso e-mail efdeportes@gmail.com endereço anexado a uma mensagem. Deve ser corrigidos sem erros de ortografia, gramática, estilo ou edição. as normas da APA de referências deve ser usado.

Ele pode ser escrito em qualquer idioma, de preferência, Espanhol, Português, Inglês, Francês e Catalão. Recomenda-se não exceder 3.900 palavras ou 10 páginas no total.

O texto deve ser acompanhado de: detalhes do autor e / ou autores, afiliação (graus acadêmicos e instituição), palavras-chave e resumo do artigo. o título, palavras-chave e resumo em outro idioma (Inglês, Português ou outro) devem ser incluídas. Ele também deve incluir telefone, endereço de e-mail e contato direto. Deve ser esclarecido se você tem uma página pessoal na WWW.

Pode ser acompanhada por: fotografia do autor ou autores e ilustrações, fotografias, gráficos, desenhos, de preferência em papel ou em formato digital (.jpg ou .gif) a cores ou a preto e branco; também formou som mp3, animação por computador em WMV, AVI ou outro formato compatível com o formato HTML.

colaborações também são aceitas nos formatos anteriores que têm links para o conteúdo da revista (ex. ilustrações). papel original enviado para a digitalização não são devolvidos.

Eles não são publicados: textos com conteúdo que promove qualquer tipo de discriminação social, racial, sexual ou religiosa; ou artigos já publicados em outros sites da World Wide Web. Você deve enviar a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, se for o caso.

Depois que o texto for aceito para publicação e, em seguida, publicado, republicado ou copiado para outro site ou outro formato digital ou papel que não são permitidos.

Eles não são publicados: textos com conteúdo que promove qualquer tipo de discriminação social, racial, sexual ou religiosa; ou artigos já publicados em outros sites da World Wide Web. Você deve enviar a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, se for o caso.

Depois que o texto for aceito para publicação e, em seguida, publicado, republicado ou copiado para outro site ou outro formato digital ou papel que não são permitidos.

Completar o encaminhamento carta em anexo e enviá-lo juntamente com o artigo para efdeportes@gmail.com. Você receberá um aviso de recebimento.

REVISÕES

Opiniões devem ser expressas em linguagem simples e, no caso de um ponto crítico, especificar o artigo e o autor de referência. Você não deve usar termos pejorativos.

SOFTWARE E PUBLICAÇÕES

Enviar o livro ou programa ou de outra forma de demonstração. Incluir um comentário, instruções e outros detalhes. Além disso, todas as informações entre em contato com o autor e / ou distribuidor.

AVISOS

avisos institucionais (cursos, seminários, conferências, etc.) devem ser enviados dois meses antes da data do evento.

ESCLARECIMENTO

Leituras: Educação Física e Desporto não tem, a priori, uma linha editorial monolítica e dogmática. É aberto a todos os que tenta autor a uma fundação que se refere a assuntos como educação física, esportes, atividades físicas natureza aventura, lazer, recreação, treinamento desportivo, ciências aplicadas, físico com deficiência, etc., etc.

PATROCINADORES

Se você quiser acompanhar esta tomada de publicação conhecida por este meio o seu produto ou serviço, entre em contato conosco.

Google Tradutor para empresas:Google Toolkit de tradução para appsTradutor de sitesGlob